

Separando, recasando, recomeçando...

Se você chegar em qualquer livraria, procurando publicações sobre relacionamentos, provavelmente se espantará com a quantidade de títulos disponíveis. Em geral, são fórmulas do tipo: "*como conseguir um relacionamento*", como manter o seu, quando desistir... Amigos, parentes e clientes se queixam dos relacionamentos afetivos, das relações com filhos, entre outros assuntos que se misturam. Assim, o casamento é objeto de estudo de psicólogos, sociólogos e outros cientistas sociais.

No Brasil, até 1977, não havia o divórcio e quem se separasse ficava meio marginalizado, mal visto. Deixava de ser convidado para reuniões sociais, os 'filhos de pais separados' sofriam na escola. Quem quisesse recasar, ia pro exterior, formalizar o casamento que, reconhecido lá fora, aqui não valia de nada. Até hoje, na Igreja Católica, não se pode celebrar o segundo casamento - a não ser que tenha acontecido por conta de viuvez de um dos noivos.

Em pleno século 21, o quadro já se mostra completamente diferente no que diz respeito à sociedade brasileira, pelo menos nos grandes centros urbanos. Parece que o casamento dura cada vez menos. Um aspecto que gera muitas pesquisas também é como ficam os filhos, frente aos novos modelos de conjugalidade. Cresce a proporção de famílias monoparentais - ou seja: com um responsável pela criação da família. E a tendência é que cresça ainda mais o número de lares capitaneados pelas mulheres, já que tem crescido o número de pedidos de divórcio partindo da mulher.

Assim, psicólogos e advogados vêm relatando que crianças de hoje se adaptam muito rapidamente a este novo estilo de família. Desde, é claro, que seja mantido um nível de diálogo saudável e respeitoso entre pai e mãe. Portanto, o problema maior é como o pai e a mãe enfrentam situações de separação e recasamento.

Muitas vezes, a mãe (ou o pai, justiça seja feita) não "resolveu" internamente a situação, a dor da separação e sofre um baque ao saber que o ex-cônjuge começou um novo relacionamento. Repassa este desespero pro relacionamento com o filho ou filha. Começa a pedir 'relatório' do que a criança/adolescente fez quando esteve com o pai, faz queixas sobre finanças, cobra uma lealdade que gera muita angústia para a criança ou adolescente. Afinal, ele foi gerado por ambos e ama ambos.

A criança pode, então, ter seu desempenho na escola prejudicado pela pressão que sofre, por assumir função de "pombo correio" - ou de "porta-bombas". Filho de um casal assim, ouve o pai falar mal da mãe. Quando com mãe, ouve críticas ao pai. E ambos, são os modelos em que tem que se espelhar! Não espanta que, exercendo este tipo de pressão, pais e mães contribuam para a crença de que "filhos de pais separados têm mais problemas psicológicos" - espantoso seria se não os tivessem...

Muitas vezes se constata na clínica psicológica que a questão não é tratar a criança sozinha e sim a

dinâmica familiar. Ou até os pais, individualmente, se fosse o caso. Mesmo assim, é mais fácil ver o problema fora: está na criança ou adolescente, não em si mesmo. Leva-se a criança para o consultório, mas ela não tem como mudar a situação, afinal é dependente dos pais. Muitos, inclusive, ao perceberem a melhora do filho, que se posiciona de forma mais independente e imparcial, boicotam a terapia e interrompem o processo psicoterapêutico. .

Pais e mães têm direitos e deveres. Um deles é zelar pela saúde mental dos filhos. E tentar compreender a separação e a perda, sem cobrar dos filhos um posicionamento é uma forma amadurecida de prevenção de problemas e um exemplo a ser passado.